

1 OS DEVERES FILOSÓFICOS
2 NAS EPISTULAE MORALES AD LUCILIUM, DE SÊNECA

3 Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

4 lucalicabr@gmail.com

5 Mauri Alves Monteiro (UFJF)

6 mauriam@superig.com.br

7
8 RESUMO

9 O filósofo latino Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), nasceu em Córdoba, Espa-
10 nha, numa família burguesa, mas assumiu cidadania romana. O conjunto de suas car-
11 tas, de gênero protréptico (προτρειπτικός = estimulante, persuasivo, capaz de impulsio-
12 nar adiante) são dirigidas ao amigo e discípulo Lucílio, que era procurador imperial
13 na província da Sicília, naqueles anos de turbulência política sob a tirania do Impera-
14 dor Nero. Sêneca demonstra nas suas epístolas morais vínculos de filiação estoica co-
15 mo respostas à perversão do gosto, consequência da decadência cultural e envelheci-
16 mento das artes em geral, entre outros problemas de ordem teórico-prático (analisando
17 a psicologia humana, fruto da observação e autoconhecimento); em defesa de uma
18 estética ática clássica, voltada para uma verdade essencial e necessária, distante do en-
19 tretenimento e da especulação superficial, pois o que importa são a realidade univer-
20 sal, os grandes modelos, a simplicidade e a sobriedade, mas não a imitação servil. Sê-
21 neca via Roma dominada pela decadência dos costumes e escritores medíocres envol-
22 tos numa preciosidade pedante, onde falta sensibilidade e inspiração. Seu método é
23 aparentemente assistemático, mas na realidade muito coerente, exigindo reflexão e
24 controle da razão. Estas cartas constituem um exemplo do empalidecimento em que
25 mergulhara o primeiro século d.C., assinalando já o declínio da poesia e deterioração
26 das letras em Roma, não só por sua frequente referência a aspectos da vida (viagens,
27 costumes, personagens, histórias, tradições etc.). O sentido da responsabilidade social,
28 entre outros temas, é de importância excepcional para a história do pensamento.

29 Palavras-chave: Atos de fala. Sêneca. Estoicismo. Epistolografia. Língua latina.

30
31 1. Introdução

32 O presente estudo tem por objetivo analisar o discurso de Sêneca
33 visando instruir seu discípulo Lucílio. O *corpus* do presente tema com-
34 preende o Livro I, com 12 cartas (ἐπιστολαί = epístolas), assinalando
35 Sêneca os vários gêneros discursivos, entre os quais destacamos como
36 atos de fala ou, como identificamos nas epístolas de Sêneca a Lucílio,
37 deveres que devem pautar o comportamento de jovens e adultos, na vida
38 pública e privada. Um tal empreendimento é exigido por naturezas fortes
39 e destemidas, excluídos estão os pusilânimes. A via ética e estética que
40 se descortina visa conduzir ao cultivo das belas artes e o justo valor que

1 cada coisa assume, tendo a filosofia como meta e alvo sempre preserva-
2 do.

3 Em contraposição a Aristóteles que dividia a retórica em três gê-
4 neros (o “deliberativo” – que procura persuadir ou dissuadir; o “judiciá-
5 rio” – que acusa ou defende) e o “epidítico” – que elogia ou censura).
6 Quintiliano elenca uma série de ações que realizamos com nosso discurs-
7 so (atos de fala) enumerados a seguir. Tais ações são citadas no projeto
8 de pesquisa são:

9 lamentar, consolar, apaziguar, aconselhar, recomendar, excitar, intimidar, con-
10 firmar, ensinar, esclarecer quanto à ambiguidade das palavras, relatar, solicitar
11 ou agradecer, parabenizar, repreender, invectivar, difamar, notificar, revogar,
12 desejar ou fazer votos, opinar e muitas outras.

13 Notadamente identificamos uma sequência de conselhos e ações
14 afetuosas e efetivas que devem pautar a vida daquele que pôs em marcha
15 a pesquisa verdadeiramente científica. Distinguimos a forma ideal entre
16 os modelos existentes. O τέλος (finalidade) não é o estágio final onde tu-
17 do termina, mas, ao contrário, um esforço cotidiano, de sustentar e dar
18 passos firmes, ainda que pareçam estáticos e até mesmo retrógrados.

19 Agora passamos a explicitar as implicações semânticas dos atos
20 de fala: Lamentar: exprimir por lamentos ou lamúrias. Consolar: aliviar
21 ou tentar aliviar a dor, o sofrimento, a aflição. Apaziguar: pôr em paz,
22 pacificar, aquietar-se, acalmar-se. Aconselhar: dar ou ouvir conselho.
23 Recomendar: fazer ver, aconselhar, indicar. Excitar: provocar ou ter uma
24 reação física ou psicológica. Intimidar: provocar ou sentir apreensão, re-
25 ceio. Confirmar: declarar, afirmar a verdade ou a exatidão de ato. Ensi-
26 nar: dar lições a, instruir esclarecer quanto à ambiguidade das palavras.
27 Relatar: narrar, contar, solicitar ou agradecer: tem a ver com pedido, soli-
28 citação. Parabenizar: congratular-se com alguém por dar os parabéns.
29 Repreender: admoestar energeticamente, advertir, censurar invectivar; pron-
30 uncianar invectivas, lançar invectivas contra alguém. Difamar: ato ou efei-
31 to de difamar, destruir a boa fama de alguém. Notificar: dar notícia, in-
32 forme, comunicação. Revogar: tornar sem efeito, fazer deixar de vigorar.
33 Desejar ou fazer votos. Opinar: emitir opinião, dar parecer, expor o que
34 se pensa.

35

36 2. *Análise das epístolas*

37 Existe um tempo adequado para nos dedicarmos à filosofia? Pos-
38 sivelmente não.

1 Qual é o tempo decisivo, o momento adequado que nos abre os
2 olhos, para emprendermos aquela jornada inteligível, arando uma terra
3 ainda desconhecida?

4 Sempre se diz que os “amigos” nos levam para o bom ou mau
5 caminho. Mas, de fato, quando a questão é voltar-se para o interior ou
6 confiar-se em si mesmo, o exemplo é necessário? A verdade se coloca
7 como princípio. Mas, de fato, necessitamos de algum guia ou mestre? Se
8 estamos abertos à alteridade do outro, algo ou alguém sempre nos faz
9 perceber a urgência de como fazer, do modo como precisamos agir e/ou
10 mudar o curso de nossa existência. Aristóteles citando Hesíodo diz:

11 Melhor, e muito, é quem conhece tudo só;
12 é bom quem ouve dos que sabem;
13 quem não sabe por si nem abre o coração à sapiência
14 alheia, este é um homem totalmente inútil¹

15 Já em Epicuro encontramos:

16 Nem quando um é jovem se hesita a filosofar, nem quando é velho se afa-
17 diga da filosofia. Para nenhum não é ainda o momento ou não é mais o mo-
18 mento de adquirir a saúde da alma. Porque quem afirma não ser ainda o tempo
19 oportuno de filosofar, ou que este tempo é agora passado, assemelha a quem
20 dissesse que não é conjunto ainda a felicidade, ou que não o é mais. ... se é
21 verdadeiro que, quando essa é presente, temos tudo, ao contrário, enquanto é
22 ausente, agimos a fim de poder possuí-la.²

23 Não é que o vivido seja mal, mas que se dissipa enquanto a vida
24 transcorre, cada coisa vale e ensina, se a estimamos de modo próprio.

25 Sêneca nos diz que o tempo nos foi roubado:

26 “...vindica te tibi, et tempus quod adhuc aut auferebatur aut subripietur aut
27 excidebat collige et serva.”... reivindica-te para ti mesmo, o tempo que, até
28 aqui, de ti foi retirado, de ti foi roubado ou cortado, reúne e conserva.

29 “quaedam tempora eripiuntur nobis, quaedam subducuntur, quaedam
30 effluunt.” ...alguns tempos são roubados de nós, alguns são subtraídos, alguns
31 fluem... grande parte da vida se esvai para aqueles que fazem mal, a maior
32 parte da vida para os que nada fazem... (Carta a Lucílio, I)

33 Refletindo sobre a noção de “morte”, faz notar a quem valoriza o
34 dia vivendo plenamente, que também se morre a cada dia. É inútil temer
35 e cogitar “o medo da morte”. Não apenas ela não é, quando somos; como

¹ Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, I.

² Epicuro, *Carta a Meneceu*, op. cit, § 122, p. 171

1 também já não somos, quando na verdade grande parte dela já passou.
2 Por isso devemos até lançar mão do hoje...

3 A morte não é nada para nós, porque todo bem e todo mal reside na sen-
4 sação (αἴσθησις): pois bem, a morte é privação de sensação. Por isso, a reta
5 cognição[λόγος] de que a morte não é nada para nós, compreende bem aceito
6 também o fato que a vida termina com a morte, não nos oferecendo em adição
7 um tempo infinito, bem assim, liberando-nos do desejo intenso ou vontade
8 imoderada apelo de imortalidade. Não existe nada de terrível no viver para
9 quem compreendeu realmente que não subsiste nada de terrível no não-viver.
10 Por isso, é estúpido quem sustenta temer a morte não porque trará pena quan-
11 do estiver presente, mas, principalmente, porque porta pena enquanto deve
12 ainda vir. De fato, isso que não causa dor quando é presente, não faz sentido
13 afligir-se enquanto se espera. Por isso, o pior dos males, a morte, não é nada
14 para nós, porque, por todo o tempo em que nós existamos, a morte não está
15 presente; e, ao contrário, por todo o tempo no qual, a morte é presente, nós
16 não somos.³

17 Sêneca reafirma de modo categórico: “...só o tempo nos pertence,
18 nem o passado, nem o futuro”; tomando posse não de coisas alheias, mas
19 essa única coisa fugaz, o amor (Ἔρως; e a pobreza, πενία) que a natureza
20 nos enviou. Que se acolha o tempo, não como um jugo pesado, seja
21 agradecido por poder devolvê-lo aliviado.

22 Sêneca não considera pobre quem, mesmo no pouco, o bastante
23 ainda sobra; ter o suficiente é o princípio da moderação quando se busca
24 a virtude. Que se conserve o que se tem com parcimônia e, em bom tem-
25 po, comece. Que permaneça no mais íntimo apenas o melhor, o pior, que
26 está no fundo, seja apagado.

27 Sêneca aconselha Lucílio a que não se inquiete com falas e mu-
28 danças, isso indica a agitação de uma alma doente, indo para fora e sem
29 lugar.

30 A leitura de muitos autores e todo gênero de obras tem algo vago
31 e instável; devemos nutrir-nos deles só o necessário, se desejamos trazer
32 algo que permaneça mais firmemente na alma.

33 Vivamos no íntimo, como um monge, em peregrinação, de modo
34 que muitos conhecimentos têm muitos pousos e pousadas, mas nenhum
35 amigo.

36 Devemos nos aplicar com familiaridade à engenhosidade de al-
37 gum autor, não necessariamente percorrê-los todos depressa atravessan-

³ Epicuro, carta a Meneceu, *op. cit.*, § 124, 125, 126; p. 175 e 176.

1 do-os. O alimento, a leitura é como remédio e deve ser benéfico para sa-
2 úde do corpo e da alma. A mudança frequente é como tudo que é posto
3 fora, rapidamente se esvai e nada permanece. A doença, a ferida e a dor
4 devem ser cuidados até à convalescença. Uma planta não se recupera es-
5 tando sempre transportada.

6 Não adianta ter uma multidão de livros que não traga contenta-
7 mento. Leia sempre autores de comprovada probidade e virtude, não a
8 autoridade.

9 Todos os dias prepare alguma coisa contra a penúria, a privação.
10 Qualquer coisa de auxílio mesmo contra a própria morte e não menos
11 contra outras calamidades.

12 Epicuro aconselhava: – “... É hábito percorrer os acampamentos
13 alheios, não como desertor, mas sim como explorador” –: “É coisa ho-
14 nesta conservar a alegria (*gaudium, laetitia*) na pobreza”. (SÊNECA,
15 Carta II)

16 Se existe alegria, na verdade, não há pobreza; não é pobre quem
17 pouco tem, mas é pobre quem deseja mais. Que importa quanto temos
18 guardado, quanto jaz nos celeiros, quanto gado ou dinheiro?

19 Para saber qual a justa medida da riqueza: primeiro é ter o neces-
20 sário, em seguida, aquilo que é suficiente.

21 Qual o uso que se faz da palavra “Amigo” quando o nome não so-
22 corre: “... Se usaste a palavra amigo não em sentido próprio, mas no sen-
23 tido geral, chamaste a todos de “bons cidadãos”, “senhores”... quando é
24 óbvio que saudamos a todos, formal e respeitosamente.

25 Se se considera amigo alguém em quem não se deposita tanta con-
26 fiança, erra-se honestamente, porque não se penetra a força da verdadeira
27 amizade que reside no segredo. Deve-se acreditar na amizade, ou antes,
28 avaliar o mérito da amizade, sem julgar. Que se pense em quanto tempo,
29 se alguém deve ser acolhido em sua amizade. Quando se ama não há ódio
30 nem ressentimentos, mas se fala e age com ele, tão audazmente como se
31 fora contigo. Um verdadeiro amigo é aquele com quem se partilha “o
32 pão”. Dar e retribuir o que honestamente recebeste; o outorgado não é
33 conquista nem posse: “Viva de tal modo que nada escondas, ... que até
34 mesmo teu inimigo possa ver”. (SÊNECA, Carta III)

1 Isso não quer dizer que se conte ao primeiro passante, o que só
2 deve ser dito apenas aos amigos, ou que se confie aos ouvidos de um
3 qualquer o que deve conservar-se em segredo.

4 Não é criatividade alegrar-se na confusão, mas a agitação de men-
5 te desenfreada. A diversão não é calma, mas frequentemente fraqueza e
6 moleza. A natureza nos dirá que o dia foi feito igual à noite. Necessário é
7 agir mantendo a calma, pois misturados estão dois: “A luz dos que nos
8 ilumina e os refugiados na escuridão ao conceberem tudo que está sob a
9 luz como demasiado confuso”. (SÊNECA, Carta III)

10 A muitos repugna dar consciência dos segredos, acreditando todo
11 segredo apenas ao mais íntimo de si mesmo; mas o pensamento leal par-
12 tilha suas descobertas sem temor, se se considera fiel e caro os que po-
13 dem ouvi-lo.

14 Adquirida a confiança estimada persevera para que se possa usu-
15 fruir de uma alma pura e serena tanto restaurada como impelida pela per-
16 feição. Bem diferenciado prazer é aquele da contemplação de uma alma
17 pura e imaculada de todo flagelo.

18 Quem não recorda alegria pueril (de criança) quando sente trocar
19 o mundo da infância pela auspiciosa virilidade, conduzido por alguém
20 ilustre nas letras ou na filosofia, esperando entrar no círculo dos homens,
21 cujo primeiro imperativo é abandonar as coisas de criança, despojando a
22 alma da infantilidade, sem perder a graça da inocência.

23 Que se compreenda e se supere: “*A morte que vem deveria ser*
24 *temida, se contigo pudesse estar...*” não podendo, visto que a dimensão
25 do “Ser” em Parmênides: ...o ser é e não pode não ser”; como em Platão
26 se desloca a reflexão sobre o “Não-Ser” no Sofista, parricídio de Parmê-
27 nides, que proíbia cogitar sobre o “Não Ser” sem incorrer em erro ou
28 contradizer-se; estes não permanecem só na tradição filosófica imediata-
29 mente posterior (Neoplatonismo) e Filosofia Medieval. Diferente do
30 “Nada” = Absoluto, a não coisa; o Inominável, “Ser Inteligível”, Criador
31 e não criado; apreendido com outro estatuto, diluído na forma imaterial
32 dia e noite (Δύα καὶ νύξ), forma e inteligência superior (εἶδος καὶ νόος),
33 só concebidas no espírito... “Nenhum mal é grande se é o último.... certas
34 coisas são menos temidas porque fazem muito medo... mas, como con-
35 duzir o espírito ao desprezo da vida?” (SÊNECA, Carta IV)

36 Não se pensa que a virtude realiza justamente o que se realiza pela ausên-
37 cia, medo?

1 A ninguém que pense prolongar demasiadamente a vida pode lhe caber
2 uma vida serena. Medita cada dia isto, para que possas com espírito sereno
3 deixar esta vida, a qual muitos assim abraçam e seguram como aqueles náu-
4 fragos que, na correnteza, se agarram aos cardos e aos rochedos. (SÊNECA,
5 Carta IV)

6 Muitos infelizes por excessivo temor à morte, aceitam gratuitas
7 torturas da vida, não sabendo viver e, menos ainda, não sabendo morrer.
8 Se queres para ti uma vida alegre abandona toda preocupação de viver.
9 Nenhum bem serve a nada, se não estamos prontos a perdê-lo.

10 Nenhuma coisa é mais grave perder, senão, aquela que perdida
11 não pode ser recuperada. Não confie na tranquilidade momentânea: o
12 mar está prestes a agitar-se; num mesmo dia um barco se afunda lá onde
13 passara há pouco sem perigo.

14 Que se pense em um ladrão ou inimigo que pode enterrar-te um
15 punhal na garganta; se alguém mais poderoso não o fizer, qualquer servo
16 tem poder de vida ou de morte sobre ti. Assim digo: qualquer um que
17 despreze a própria vida é senhor da sua.

18 Compreender-se-á que não poucos se arruinaram pela ira dos ser-
19 vos do que pela dos reis. Que te importa, então, quão poderoso seja aque-
20 le a quem se teme, quando aquilo por cuja causa se teme, qualquer um
21 possa fazer?

22 Assim dizendo: desde que nascemos somos conduzidos para a
23 morte. Estas coisas do mesmo modo são repassadas na alma, se calma-
24 mente queremos esperar aquela última hora cujo medo torna todas as ou-
25 tras horas inquietas.

26 Então, para pôr fim à epístola, que se receba como presente aquilo
27 que a Sêneca, naquele dia, agradou e também isto que me foi ensinado de
28 jardim alheio.

29 *Magnae divitiae sunt lege naturae composita paupertas'. Lex autem illa*
30 *naturae scis quos nobis terminos statuat? Non esurire, non sitire, non algere.*
31 *Ut famem sitimque depellas non est necesse superbis assidere liminibus nec*
32 *supercilium grave et contumeliosam etiam humanitatem pati, non est necesse*
33 *maria temptare nec sequi castra: parabile est quod natura desiderat et appo-*
34 *situm.*

35 É uma grande riqueza a pobreza regulada pela lei da natureza." Sabes os
36 limites que a lei natural nos impõe? Não padecer fome, nem sede, nem frio.
37 Para evitar a fome e a sede, não é necessário assentar-se nas soleiras dos se-
38 nhores soberbos nem suportar sua sobrancelha grave e também a ultrajante
39 bondade... Nem é necessário afrontar os perigos da navegação ou partir para a

1 guerra: aquilo de que a natureza necessita é posto diante. (SÊNECA, Carta
2 IV)

3 Sêneca afirma que é o supérfluo que nos cansa; que nos leva até
4 terras estranhas: enquanto o que nos basta está bem diante das mãos:
5 “Aquele que com a pobreza vive bem rico é⁴”. (SÊNECA, Carta IV)

6 Para que se torne melhor, é necessário esforçar-se perseverante-
7 mente e fazer desta coisa a prioridade. Porém te aconselho: não se proce-
8 da ao modo daqueles que desejam não progredir, mas colocar-se à mos-
9 tra. Que se escolha a via simples do regozijo em leito firme à terra. Que
10 se evite o hábito rude e negligente e manifeste desprezo voluntário ao di-
11 nheiro, e se omita, em geral, toda outra coisa como os percalços da via
12 adversa.

13 Bastante odioso é o trato com a filosofia vivida na aridez antes de
14 encontrar sentido, portanto moderação. O que seria se começássemos a
15 subtrair-nos ao costume, à tradição de tantos homens? Removendo todas
16 as coisas, atrás e adiante, tão conveniente ao povo. Façamos aquilo que
17 torne melhor a vida comum, sem afugentarmos de nós aqueles que que-
18 remos corrigir.

19 Eis o que nos promete o senso comum, o amor ao saber, o conví-
20 vio e a humanidade. Atentemos para não parecerem ridículas as coisas
21 pelas quais queremos preparar o assombro. Nosso real propósito é viver
22 segundo a natureza. Mas, descuidar da higiene e adotar a sujeira ou nu-
23 trir-se de alimentos pobres, é contrário à natureza, é retrocesso repugnan-
24 te para o corpo e desgosto para a alma.

25 Sêneca diz a Lucílio que também é sinal de loucura ou de moleza
26 desejar alimentos refinados. A filosofia exige frugalidade, não o castigo
27 indecoroso. A vida ideal espelha a moralidade pública e os bons costu-
28 mes, elevar o olhar para o outro também encerra aprendizado. Aqui me
29 agrada a moderação:

30 Não existirá entre nós e os outros alguma diferença?

31 Sim, saiba que o outro nos observa de perto, mesmo assim, somos dife-
32 rentes da massa; feliz aquele que entrar em nossa casa, se admire conosco, não
33 da nossa veste ou mobília.

34 Sêneca diz:

⁴ Em latim, “Cui cum paupertate bene convenit dives est”.

1 *Magnus ille est qui fictilibus sic utitur quemadmodum argento, nec ille*
2 *minor est qui sic argento utitur quemadmodum fictilibus; infirmi animi est pa-*
3 *ti non posse divitias.*

4 É débil a alma de quem não pode suportar a riqueza... é grande quem usa
5 vasilhame de argila como se fosse de prata, não o é menos, quem usa prata
6 como se fosse argila.

7 Sêneca encontrou em Hecatão de Rodes o seguinte:

8 *"Desines" inquit "timere, si sperare desieris." Dices, 'quomodo ista tam*
9 *diversa pariter sunt?" Ita est, mi Lucili: cum videantur dissidere, coniuncta*
10 *sunt.*

11 O fim dos desejos serve também como remédio ao medo. Deixarás de ter-
12 mer, quando deixares de ter esperança. (SÊNECA, Carta V)

13 Esperança e temor pesam igual num espírito preocupado e inquie-
14 to. A causa principal de ambos é que não nos adaptamos ao presente, mas
15 nos lançamos adiante como reféns dos pensamentos, em sua incapacida-
16 de de prever e de transformar a condição humana.

17 *Ferae pericula quae vident fugiunt, cum effugere, securae sunt: nos et*
18 *venturo torquemur et praeterito. Multa bona nostra nobis nocent; timoris*
19 *enim tormentum memoria reducit, providentia anticipat; nemo tantum prae-*
20 *sentibus miser est.*

21 As feras evitam os perigos que veem, com o simples esquivar-se... nós
22 nos torturamos com o futuro e com o passado... a memória renova a angústia
23 do medo, a previsão do futuro a antecipa; ninguém é infeliz só com o presente.
24 (SÊNECA, Carta V)

25 Sêneca conduz o entendimento de Lucílio esclarecendo-o de não
26 estar só se corrigindo, mas também se metamorfoseando; distante das
27 promessas e longe da esperança que lhe sobre para ser mudado. Sêneca
28 se pergunta se não deverá ter ainda muitos sentimentos que devam ser
29 reunidos, debilitados ou levantados. E este o argumento da alma meta-
30 morfoseada para melhor, porque vê seus vícios que antes ignorava, isso
31 desejaria compartilhar em tão súbita mutação.

32 Então, a começar com a amizade verdadeira, que não é esperança,
33 nem temor, nem preocupação por interesse; diferente daquela reunião na
34 qual os homens se matam e são mortos. Só a amizade verdadeira pode
35 dar-lhe em justa medida aquela vontade que arrasta o espírito.

36 Como conservar a identidade na diferença tendo tanto em co-
37 mum?

1 Sêneca convoca Lucílio a compartilhar consigo aquilo de que Lu-
2 cílio é tão versado e eficaz. A alegria verdadeira é duplamente pródiga
3 em ensinar e aprender. Não se pode imaginar quantos momentos eu vejo
4 serem trazidos a mim a cada dia. Nenhuma realidade, por mais extraordi-
5 nária e salutar, agradaria se eu fosse seu único conhecedor. Se lhe fosse
6 concedida a sabedoria com essa exceção, de modo a retê-la e encerrá-la
7 sem compartilhá-la, ele a refutaria. A posse de bem algum tem motivo de
8 alegria se não houver compartilhamento.

9 Sêneca se compromete a enviar-lhe os seus próprios livros, a fim
10 de que não despenda muito trabalho, enquanto ele segue aqui e ali os
11 passos úteis, toma como sugestão as indicações que faz, a fim de que se
12 aproxime de longe daquilo que aprova e admira.

13 Sêneca aconselha:

14 *Mittam itaque ipsos tibi libros, et ne multum operae impendas dum pas-*
15 *sim profutura sectaris, imponam notas, ut ad ipsa protinus quae probo et mi-*
16 *ror accedas. Plus tamen tibi et viva vox et convictus quam oratio proderit; in*
17 *rem praesentem venias oportet, primum quia homines amplius oculis quam*
18 *auribus credunt, deinde quia longum iter est per praecepta, breve et efficax*
19 *per exempla.*

20 Uma conversa de viva voz será mais útil para ti do que um discurso es-
21 crito; no momento presente, é necessário que venhas, primeiramente porque
22 os homens creem mais nos olhos do que nos ouvidos, em seguida porque lon-
23 go é o caminho através dos preceitos, mas breve e eficaz através dos exem-
24 plos. (SÊNECA, Carta VI, 5)

25 *Zenonem Cleanthes non expressisset, si tantummodo audisset: vitae eius*
26 *interfuit, secreta perspexit, observavit illum, an ex formula sua viveret. Platon*
27 *et Aristoteles et omnis in diversum itura sapientium turba plus ex moribus*
28 *quam ex verbis Socratis traxit;*

29 Cleantes nunca poderia exprimir completamente a doutrina de Zenão, se
30 fosse apenas ouvinte: participou da sua vida, penetrou os segredos, observou-
31 o, e seguindo seus ensinamentos vivera... A Platão e Aristóteles e toda a massa
32 dos sábios disposta a ir em caminhos diversos causou maior tração os costum-
33 es que as palavras. (SÊNECA, Carta VI, 6)

34 *Metrodorum et Hermarchum et Polyaeum magnos viros non schola Epi-*
35 *curi sed contubernium fecit.*

36 Metrodoro, Hermarco e Polieno grandes homens em coragem não foi a
37 escola de Epicuro que os fez, mas seu convívio. (SÊNECA, Carta VI, 6)

38 Como devo a ti um regalo ao terminar esta carta, vai aqui minha
39 pequena contribuição diária, direi o que teria dito Hecatão:

1 *Nec in hoc te accerso tantum, ut proficias, sed ut prosis; plurimum enim*
2 *alter alteri conferemus.*

3 Queres saber o que lucrei? Comecei a ser amigo de mim mesmo... nunca
4 mais estarás sozinho. Fica sabendo um tal amigo todos podem ter. (SÊNECA,
5 Carta VI, 6)

6 Lucílio pergunta a Sêneca que coisa se deve evitar. Sêneca res-
7 ponde sem hesitar, a massa, sobretudo. Ainda não é o tempo adequado de
8 frequentá-la. O trato com muita gente pode ser hostil. O contato com a
9 multidão é sempre deletério: não existe nenhum que não nos contamine a
10 consciência ou imponha algum vício. Por isso o perigo é tanto maior
11 quanto mais nos misturamos. Tome como exemplo os grandes espetácu-
12 los: “Existe algo mais danoso aos bons costumes do que assistir os vícios
13 que se insinuem através dos prazeres?” (SÊNECA, Carta VII, 2)

14 Sêneca afirma que, quando retorna está mais dissoluto e ambicio-
15 so, se perdeu o senso humano. Disfarçam-se nos divertimentos ritmos
16 espirituosos para esconder de olhos relaxados o sacrifício cruel e sem mi-
17 sericórdia.

18 E que, também, o êxito na luta é a morte e reserva ao vencedor
19 cair noutra matança; tudo isso só para retardar a morte. Se alguém prati-
20 cou o roubo ou matou, pedem que os malfetores sejam punidos, mas os
21 meios como procedem são o ferro e o fogo.

22 Sêneca interpela com dureza a Lucílio ao dizer: mas tu infeliz o
23 que fizeste para assistir a esse horror que não purifica [κάθαρσις]? E o
24 encoraja: Coragem amigo, não percebeis, que os maus exemplos retor-
25 nam a quem os dá?

26 Sêneca retruca: dai graças aos deuses imortais porque vos ensinas-
27 tes e aprendestes a não ser cruel. E lhes impõe:

28 *Subducendus populo est tener animus et parum tenax recti: facile transi-*
29 *tur ad plures. Socrati et Catoni et Laelio excutere morem suum dissimilis mul-*
30 *titudo potuisset: adeo nemo nostrum, qui cum maxime concinnamus ingenium,*
31 *ferre impetum vitiorum tam magno comitatu venientium potest.*

32 É necessário subtrair ao povo o ânimo débil e pouco sadio na virtude: fa-
33 cilmente se passa para o lado da maioria... Sócrates, Catão e Lélcio teriam po-
34 dido mudar os costumes de uma massa de gente diversa da deles?... Digo ne-
35 nhum de nós, sobretudo quando o nosso caráter está em formação, pode resis-
36 tir à pressão de tão grande séquito de vícios que vêm. (SÊNECA, Carta VII, 6)

37 É duplamente desastroso imitá-los ou odiá-los. Mas são de evitar
38 um e outro extremo: não deves assimilar-te aos malvados, nem ser inimi-
39 go de muitos, só porque são diferentes:

1 *Necesse est aut imiteris aut oderis. Utrumque autem devitandum est: neve*
2 *similis malis fias, quia multi sunt, neve inimicus multis, quia dissimiles sunt.*
3 *Recede in te ipse quantum potes; cum his versare qui te meliorem facturi sunt,*
4 *illos admittite quos tu potes facere meliores. Mutuo ista fiunt, et homines dum*
5 *docent discunt.*

6 Recolha-te em ti mesmo por quanto puderes; frequenta as pessoas que
7 podem fazer-te melhor e acolhe aqueles que podes tornar melhor. A vantagem
8 é recíproca porque enquanto se ensina também se aprende. (SÊNECA, Carta
9 VII, 8)

10 Ignore o desejo de tornar conhecido o seu gênio, a ponto de fazer
11 leituras ou disputas; alguém, certamente há que possa compreender-te, e
12 tu deverás formá-lo e educá-lo para que atinja o nível da tua inteligência.
13 Não há por que temer ter perdido o teu tempo, se tiveres estudado em teu
14 proveito...

15 Te sirva como débito para pagar esta carta umas máximas de De-
16 mócrito: – "Uma só pessoa vale para mim um povo e um povo uma só
17 pessoa".⁵ (SÊNECA, Carta VII, 10)

18 Perguntaram-lhe porque se aplicava com tanto empenho a uma
19 matéria que pouquíssimos se aventurariam, respondeu: "Para mim basta
20 poucas pessoas, talvez uma só ou na verdade nenhuma".⁶

21 O excelente Epicuro fez a seguinte afirmação: "Eu falo isto não
22 para muitos, mas para ti; somos, com efeito, um para o outro um grande
23 teatro".⁷

24 É teu dever, caro Lucílio, conservar em ti estas máximas, por des-
25 prezar os prazeres que derivam do senso comum: "Muitos te louvam;
26 mas por que deveis alegrar-te com eles? Os teus méritos exigem apenas
27 aprovação da consciência..."⁸ (SÊNECA, Carta VII, 12)

28 Lucílio replica aos conselhos de Sêneca, dizendo, como pagar ou
29 contentar a consciência conservando-se afastado das aglomerações? Se
30 os seus preceitos filosóficos lhes impõem atividade mesmo diante da
31 morte?

⁵ Em latim, '*Unus mihi pro populo est, et populus pro uno*'.

⁶ Em latim: '*satis sunt*' inquit '*mihi pauci, satis est unus, satis est nullus*'.

⁷ Em latim: '*haec*' inquit '*ego non multis, sed tibi; satis enim magnum alter alteri theatrum sumus*'.

⁸ Em latim: '*Multi te laudant: ecquid habes cur placeas tibi, si is es quem intellegant multi? introrsus bona tua spectent*'.

1 Como? Sugere um método. Acreditas em ócio criativo como na
2 escola [σχολή]? Se me recolho apartado, o faço para ser útil a muita gen-
3 te. Dedicção e estudo compreende até parte das noites; trabalho e vigília
4 ocorrem até sucumbirmos ao sono. Nenhum dia termina em inércia, mas
5 em fadiga.

6 Sêneca assevera que escreve epístolas como salutare admoesta-
7 ções. Tais são como medicamentos úteis, tendo experimentado sua eficá-
8 cia, não apenas nas feridas, se acaso não sararam, cessaram de se alastra-
9 rem. (SÊNeca, Carta VIII, 2)

10 As palavras de Sêneca fazem ecoar aos outros a via justa: ele a
11 conheceu tarde e cansado de muito errar. Mas assegura a seu público:
12 evitar tudo aquilo que agrada ao vulgo e que o acaso atribuiu. Conclama
13 seu público a se fechar impávido a todo bem suspeito, haja vista que é
14 fortuito o engodo que ilude fera e peixe, todos enganados com alguma
15 esperança vã.

16 Sêneca recomenda que se evite, tanto quanto possível, os bens vi-
17 ciosos, pois não são dons da sorte, mas precipícios. Tão logo pensamos
18 tê-los em mãos, estamos, na verdade, presos a eles.

19 E reitera: E depois, mais reto do que resistir à dor, é moderar a fe-
20 licidade. Diz-lhe que conserve esta regra salutar de vida:

21 *Hanc ergo sanam ac salubrem formam vitae tenete, ut corpori tantum in-*
22 *dulgeatis quantum bonae valetudini satis est. Durius tractandum est ne animo*
23 *male pareat: cibus famem sedet, potio sitim exstinguat, vestis arceat frigus,*
24 *domus munimentum sit adversus infesta temporis.*

25 ... ao corpo não mais que o suficiente para uma boa saúde... Deve-se tratá-
26 lo o mais duramente para que não obedeça imperfeitamente à alma: que o ali-
27 mento sacie a fome, que a bebida acabe com a sede, que a veste afugente o
28 frio, que a casa seja a defesa contra as intempéries. (SÊNeca, Carta VIII, 5)

29 Sêneca comenta que a casa de pau-a-pique é também refúgio con-
30 tra a inclemência dos elementos. Existe algo “grandiosíssimo” além do
31 qual nada maior pode existir, por isso, recomenda que se despreze todas
32 as coisas que estabelecem a fadiga inútil. Assim, toda vez que entoarmos
33 nossas palavras não se permita que o ornamento macule de pecado o
34 adorno; Lembra a seu público que pense apenas: nada além do “grande
35 espírito” é admirável.

36 Sêneca confirma a Lucílio que fazem coisas mais grandiosas
37 aqueles que parecem nada fazer: pois cuidam ao mesmo tempo do divino
38 e do humano.

1 Mas para mostrar gratidão ao teor dessa carta, Sêneca aconselha
2 que se observe uma citação de Epicuro: “É necessário que te consagres à
3 filosofia, para que a verdadeira liberdade chegue até ti... Não será posto
4 de lado quem a ela se submeteu e se entregou”.⁹ (SÊNECA, Carta VIII,
5 7)

6 Sêneca adverte que inúmeras coisas são ditas em domínio público,
7 quando, na verdade, já foram ditas por poetas e filósofos antigos! Sêneca
8 questiona: como medir a gravidade ou beleza das afirmações trágicas e o
9 efeito da graça e delicadeza nos mimos? Um as coisas são ditas ou mos-
10 tradas com pés descalços, outras como se marchassem sob coturnos!
11 (SÊNECA, Carta VIII, 8)

12 Nega-se que se deva considerar nossos, bens atribuídos pelo aca-
13 so: “...é alheio tudo aquilo que acontece segundo o desejo... Não é teu
14 aquilo que a sorte fez teu... Pode ser considerado um bem aquilo que pu-
15 desse ser retirado?”¹⁰ (SÊNECA, Carta VIII, 9,10)

16 Sêneca considera que alguns dizem ter Epicuro afirmado contra
17 Estilbão que o sábio se está satisfeito consigo mesmo, não necessita de
18 amigo. Em seguida, assegura que o sumo bem foi considerado como a
19 alma que não padece (*ἀπάθειαν* = apatheian como ausência de sofrimento
20 ou sensibilidade; calma; indiferença; impassibilidade). Isso nos conduz
21 ao ideal estoico de imperturbabilidade (ou *ἀταραχία*). De longe, nos refe-
22 rimos àquele que rechace o sentido de todo mal: será entendido como
23 aquele que nenhum mal possa suportar. Vê, pois, se não é preferível falar
24 ou de alma invulnerável ou de uma alma além de todo padecer. (Cf. SÊ-
25 NECA, Carta IX, 1, 2)

26 Sêneca define no parágrafo 3 da carta IX as características do sá-
27 bio: o sábio distingue e vence todo o incômodo, mas o faz diferentemen-
28 te, daqueles que nem sequer o percebem. Desse modo, o sábio, é para nós
29 um comum que esteja contente consigo. Por outro lado, quer ter um ami-
30 go, um vizinho de casa e companheiro da vida, embora a si próprio se
31 baste. (Cf. SÊNECA, Carta IX, 3)

⁹ Em latim: *'philosophiae servias oportet, ut tibi contingat vera libertas'. Non differtur in diem qui se illi subiecit et tradidit: statim circumagitur; hoc enim ipsum philosophiae servire libertas est.*

¹⁰ *alienum est omne quidquid optando evenit. Hunc sensum a te dici non paulo melius et adstrictius meministi: non est tuum fortuna quod fecit tuum. Illud etiam nunc melius dictum a te non praeteribo: dari bonum quod potuit auferri potest.*

1 Sêneca questiona e faz ponderações acerca das vicissitudes da vi-
2 da. E reflete: até onde vai o contentamento se uma doença ou um inimigo
3 lhe privasse totalmente de algo vital como a luz dos olhos? Um membro
4 arrancado (...os olhos do Rei Édipo, em Sófocles, que não lhe impediram
5 de trilhar a torta via abissal); não lhe foi de resto melhor que um corpo
6 perfeito agindo sem razão (como se fosse mutilado). Mas, se por um lado
7 contente, não sente falta do que está ausente, por outro sem ressentimen-
8 to, não prefere o que lhe falta.

9 Sêneca prossegue em suas divagações. Então, de que modo o sá-
10 bio se contenta, se é tão grande a dependência do que necessita? Na fome
11 de alimento, na sede, de água, na fadiga, de descanso. Quantas vezes re-
12 novamos o ar que respiramos? Suportando a dor com espírito tranqui-
13 lo?... é possível estar alegre na luz?... e na ausência?... vale o “Espírito”
14 que tudo vivifica?... É amigo verdadeiro quem sabe se privar em benefi-
15 cio do amado e nunca estará sem amigos. Um amigo é como um Fídias,
16 esculpindo o mármore, se lhe falta um modelo, logo aparecerá outro, de
17 maior beleza a nutrir o artífice.

18 Sêneca nos diz como conquistar um amigo imediatamente:

19 *Quaeris quomodo amicum cito factururus sit? Dicam, si illud mihi tecum*
20 *convenerit, ut statim tibi solvam quod debeo et quantum ad hanc epistulam*
21 *paria faciamus. Hecaton ait, 'ego tibi monstrabo amatorium sine medicamen-*
22 *to, sine herba, sine ullius veneficae carmine: si vis amari, ama'. Habet autem*
23 *non tantum usus amicitiae veteris et certae magnam voluptatem sed etiam ini-*
24 *tiu et comparatio novae.*

25 ... aquilo que te for conveniente em relação ao outro, saúde discreta e harmo-
26 niosamente...” “Hécaton diz, ‘eu te mostrarei um filtro amoroso, sem veneno,
27 sem erva, sem fórmula de feiticeira: “se queres ser amado, ama”. Tem, porém,
28 não somente os costumes e o grande prazer da velha e sincera amizade, mas
29 também o da nova irá te procurar. (SÊNECA, Carta IX, 6)

30 Sêneca relata que o filósofo Átalo costumava dizer que era mais
31 agradável cultivar um amigo do que tê-lo às mãos. Sêneca se questiona
32 se está clara a diferença entre o amigo que semeia e o que ceifa. Reitera
33 que há enorme solicitude ocupada em seu trabalho e igualmente um
34 grande prazer em sua realização, pois não recebe igual deleite quem de
35 uma obra terminada afastou a mão. Ele se pergunta se goza sempre o fru-
36 to de sua arte em si mesma. Cogita também se, ao contrário, sempre a
37 desfrutaria antes de gerá-la, no seu crescimento e na plenitude.

38 Sêneca estoico abre espaço ao epicurismo, configurando-se como
39 eclético. O sábio, satisfeito consigo mesmo, quer ter um amigo, quer

1 exercitar a amizade, a fim de que uma tão grande virtude não se enfra-
2 queça, para aquilo que dizia Epicuro: "... a fim de que tenha alguém a
3 quem esse possa dar assistência quando doente, ou que esse liberte a ele,
4 sujeito à guarda inimiga".¹¹ (SÊNECA, Carta IX, 8)

5 Sêneca prossegue pontuando: reflete mal quem espera chegar à
6 amizade, sem a fidelidade necessária ao bom amigo. É necessário que o
7 início e o fim concordem ou termine como começou... quem foi assim
8 tomado em razão da utilidade, fez assim um amigo oportunista, aguarda-
9 rá enquanto o tempo for útil. A turba de falsos amigos se assentará em
10 torno dos que têm sucesso, aos derrotados a solidão, e quando são postos
11 à prova, fogem por motivo tão infame devido ao medo que outros os des-
12 cubram e os delatam.

13 Sêneca define o conceito de amizade: um amigo é alguém por
14 quem eu possa morrer, para que eu tenha alguém e possa segui-lo no exí-
15 lio, alguém para cuja morte eu me apresente e possa defendê-lo. O afeto
16 dos que amam tem algo similar; ou poderia dizer que é insano? Vejamos
17 sua reflexão sobre a amizade:

18 *Numquid ergo quisquam amat lucri causa? numquid ambitionis aut glo-*
19 *riæ? Ipse per se amor, omnium aliarum rerum neglegens, animos in cupidita-*
20 *tem formæ non sine spe mutuae caritatis accendit. Quid ergo? ex honestiore*
21 *causa coit turpis affectus?*

22 Acaso, alguém ama por lucro, ambição ou glória? O amor em si mesmo,
23 negligenciando todas as outras coisas, acende nas almas o desejo da beleza,
24 não sem esperança de mútuo afeto. Mas como? De uma mais honesta causa
25 pode nascer tal sentimento? Como, pois, se chega a ela? (SÊNECA, Carta IX,
26 11,12)

27 Sêneca passa a refletir sobre o afeto. E, ao contrário, é esta a qual
28 “nada” mais se deve provar, porque sua própria causa deve ser buscada e
29 só pode chegar a ela quem se contenta consigo mesmo. Como, então, pa-
30 ra uma causa belíssima, não capturado pelo luxo, nem atemorizado pela
31 efêmera sorte, rebaixa da amizade sua grandeza aquele que a prepara pa-
32 ra as boas ocasiões.

33 Como interpretar a felicidade (εὐδαιμονία: alegria, bem-estar) do
34 sábio sem distanciá-lo do que o constringe dentro de sua própria pele.
35 Deve-se distinguir: o viver feliz, não simplesmente viver em vista deste
36 escopo; com efeito, foi visto lhe faltar muitas coisas, não necessariamente

¹¹ 'ut habeat qui sibi aegro assideat, succurrat in vincula coniecto vel inopi', sed ut habeat aliquem cui ipse aegro assideat, quem ipse circumventum hostili custodia liberet.

1 te uma alma sadia, intrépida e que despreze a sorte. A esse respeito Crí-
2 sipo (estoico, discípulo de Zenão) diz:

3 *Ait sapientem nulla re egere, et tamen multis illi rebus opus esse: 'contra*
4 *stulto nulla re opus est - nulla enim re uti scit - sed omnibus eget'. Sapienti et*
5 *manibus et oculis et multis ad cotidianum usum necessariis opus est, eget nul-*
6 *la re; egere enim necessitatis est, nihil necesse sapienti est. [15] Ergo*
7 *quamvis se ipso contentus sit, amicis illi opus est; hos cupit habere quam plu-*
8 *rimos, non ut beate vivat; vivet enim etiam sine amicis beate.*

9 O sábio não tem necessidade de nenhuma coisa... porém, lhe são necessá-
10 rias muitas coisas: ao contrário, do insensato que não tem necessidade de na-
11 da, com efeito, não sabe servir-se de nenhuma coisa, mas carece de todas...
12 Mãos e olhos são necessários no uso cotidiano, e muitas outras coisas... é pró-
13 prio da necessidade sentir falta, já ao sábio nada é necessário... deseja ter ami-
14 gos, não a fim de viver feliz; viverá feliz, mesmo sem amigos. (SÊNECA,
15 Carta IX,14, 15)

16 O sumo bem não encontra no exterior seus meios de realização;
17 cultiva-se em casa, é totalmente originário de si mesmo. Qual será, a sor-
18 te do sábio, se é privado de amigos ou exilado em nação estrangeira ou
19 retido em uma prolongada navegação e atirado em uma praia deserta?

20 Semelhante é a Júpiter (Ζεύς), tendo-se dissolvido o mundo e os deuses
21 (Τιτᾶνες = convertido em elementos da natureza) confundindo-os em uma só
22 coisa, cessando por algum tempo a ordem natural das coisas, repousou em si,
23 entregue aos seus pensamentos. (SÊNECA, Carta IX, 16)

24 O sábio faz coisa semelhante: se retira em si e resta só consigo
25 mesmo. Por tanto tempo quanto for facultado em seu poder de decisão
26 ordenará os prazeres, contrairá ou não esposa e gerará filhos... de uma
27 única coisa não poderia viver, sem a companhia de um ser humano. A
28 amizade é como fosse a repulsa natural pela solidão, sendo inerente ao
29 sentimento do homem viver em sociedade. Todavia, o sábio delimitará
30 em si ou diante de si todo bem e repetirá as palavras de Estilbão, que
31 Epicuro critica na sua carta:

32 *Hic enim capta patria, amissis liberis, amissa uxore, cum ex incendio pu-*
33 *blico solus et tamen beatus exiret, interroganti Demetrio, cui cognomen ab*
34 *exílio urbium Poliorcetes fuit, num quid perdidisset, 'omnia' inquit 'bona mea*
35 *mecum sunt'. [19] Ecce vir fortis ac strenuus! ipsam hostis sui victoriam vicit.*
36 *'Nihil' inquit 'perdidit': dubitare illum coegit an vicisset. 'Omnia mea cum*
37 *sunt': iustitia, virtus, prudentia, hoc ipsum, nihil bonum putare quod eripi*
38 *possit. Miramur animalia quaedam quae per medios ignes sine noxa corpo-*
39 *rum transeunt: quanto hic mirabilior vir qui per ferrum et ruinas et ignes in-*
40 *laesus et indemnis evasit! Vides quanto facilius sit totam gentem quam unum*
41 *virum vincere?*

42 ...tendo sido tomada sua cidade, perdidos os filhos e a esposa, como saísse
43 solitário e feliz, por ter sobrevivido a um incêndio geral, e ao interrogatório de

1 Demétrio, cognominado Poliorcetes, na destruição das cidades, se (Estilbão)
2 havia perdido alguma coisa, ele disse todas as minhas coisas estão comigo...
3 Eis um homem forte e valoroso! Ele venceu o inimigo vencedor. "Não perdi
4 nada" disse: e constrangeu o inimigo a duvidar da própria vitória. "Todos os
5 meus bens estão aqui comigo" senso de justiça, virtude, sabedoria e, sobretudo
6 isso, não considerar um bem o que possa ser retirado. Nós admiramos certos
7 animais que atravessam sem dano no meio do fogo: quanto mais admirável este
8 homem que sai ileso e não ferido pelas armas e ruínas e fogos! Vê quanto
9 mais fácil é vencer uma nação inteira que um homem só? (SÊNECA, Carta
10 IX, 18,19)

11 Eis como a prática do filósofo estoico tem em comum com aque-
12 le: também ele porta os seus bens intatos através da cidade em chamas: é
13 autossuficiente e, nestes confins, delimita a sua felicidade.

14 Lembre-se do exemplo de Epicuro a Estilbão: "Se a alguém, diz
15 ele, não parecem grandiosíssimos os seus bens, pode ser que seja senhor
16 do mundo inteiro, mas será sempre infeliz" ou ... "Indigente é o homem
17 que não se julga muito feliz, mesmo que dê ordens ao mundo". (SÊNE-
18 CA, Carta IX,20)

19 Sêneca reitera o sentido emprestado às palavras: Mais do que di-
20 zer, importa que anime as palavras com sentido verdadeiro. Reafirma que
21 se evite as multidões e até o pequeno número singular. Não vejo ninguém
22 com quem te queira relacionado.

23 Lembremos o episódio de Crates, ouvinte daquele Estilbão, men-
24 cionado na carta anterior, tendo visto um jovem andando de mansinho
25 perguntou-lhe o que fazia: "– Falo comigo mesmo", disse ele... Crates re-
26 tomou e advertiu: "Toma cuidado, quando conversares com um homem
27 mau". Quando alguém é dominado pelo medo e pela dor, deve vigiar pa-
28 ra que não faça uso equivocado da razão na solidão".¹² (SÊNECA, Carta
29 X, 2)

30 Sêneca adverte a Lucílio quanto a inúmeros cuidados: Entre os
31 desavisados não se deve ir a si mesmo abandonado; pois ruma cativos e
32 perigosos propósitos, para si mesmos ou para os outros, abrigando dese-
33 jos espúrios; expondo sua alma à libido e à ira; enquanto o recato a frea-
34 va na audácia por vergonha ou por medo. A única coisa que a solidão
35 tem de vantajosa é nada confiar a ninguém. Senão, aquele "bem" certo
36 que nutre ao estar tranquilo consigo mesmo.

¹² Em latim: 'Mecum' inquit 'loquor.' Cui Crates 'cave' inquit 'rogo et diligenter attende: cum homine malo loqueris'. Lugentem timentemque custodire solemus, ne solitudine male utatur.

1 O que se diz da boca para fora, não tem fundamento, a justiça é
2 para o homem que visa à salvação. Atenta para o que fala, e, agradeça
3 aos deuses pela integridade da mente, a boa saúde da alma e do corpo.
4 Peça ao deus coragem, e do alheio nada. Ouse falar como se o deus pu-
5 blicamente o ouvisse, a verdade começa assim, ainda que não saibas se
6 está ou não livre das paixões quando estas se calam. Viva entre os ho-
7 mens como se o deus o veja. (Cf. SÊNECA, Carta X, 5)

8 Um amigo de boa índole faz boa a conversa. Mostra que o talento
9 não pesa mais que o espírito, e também, a grande porção em que já evo-
10 luíra. É assim, um bom rapaz enquanto se concentra, a duras penas para
11 superar o receio, até o ponto em que o rubor proveniente da profundidade
12 se espalhou pelo rosto. A vergonha, imagino (os defeitos naturais do cor-
13 po ou os vícios da alma), a custo são depurados ou apagados, pela ciência
14 (ἐπιστήμῃ) é atenuada de todos os vícios, pela sabedoria quando tiver si-
15 do forjada em puro fogo. (Cf. SÊNECA, Carta XI, 1)

16 Sêneca chega a ser categórico ao afirmar que não há remédio:

17 *Inter haec esse et ruborem scio, qui gravissimis quoque viris subitus af-*
18 *funditur. Magis quidem in iuvenibus apparet, quibus et plus caloris est et te-*
19 *nera frons; nihilominus et veteranos et senes tangit. Quidam numquam magis*
20 *quam cum erubuerint timendi sunt, quasi omnem verecundiam effuderint; [4]*
21 *Sulla tunc erat violentissimus cum faciem eius sanguis invaserat. Nihil erat*
22 *mollius ore Pompei; numquam non coram pluribus rubuit, utique in contioni-*
23 *bus. Fabianum, cum in senatum testis esset inductus, erubuisse memini, et hic*
24 *illum mire pudor decuit.*

25 ...diferentemente dos fadigados; para certos homens prontos e febris ou
26 homens de firme caráter, irrompem um suor na presença do povo. Para fazer
27 um discurso os joelhos tremem, a língua vacila, os lábios se cerram: estas coi-
28 sas nem a disciplina nem o costume nunca extirpa, mas a natureza exerce a
29 sua força e admoesta uns e outros vigorosamente. Ninguém escapa ao rubor de
30 tais debilidades, mesmo os homens mais austeros. Evidentemente, os jovens
31 de fronte delicada, quedam vítimas indefesas, mas o mesmo ardor aflige tam-
32 bém os maduros (Sila, Pompeu, Fabiano). (SÊNECA, Carta XI, 3)

33 E explica porque:

34 *Non accidit hoc ab infirmitate mentis sed a novitate rei, quae inexercita-*
35 *tos, etiam si non concutit, movet naturali in hoc facilitate corporis pronos;*
36 *nam ut quidam boni sanguinis sunt, ita quidam incitati et mobilis et cito in os*
37 *prodeuntis.*

38 Isto não acontece por debilidade da mente (ou qualquer defeito intelectu-
39 al), mas pela novidade da situação, que, mesmo que não os abale, movimenta
40 os inexperientes inclinados pela natural facilidade do corpo para esse efeito,
41 que pode, senão inibir, pelo menos perturbar os inexperientes e os homens

1 bons de sangue calmo; tornando uns e outros senão excitados e movediços, ao
2 menos à mercê desse influxo. (SÊNECA, Carta XI, 5)

3 Como defeitos, nenhuma sabedoria pode eliminá-los, aliás, se ti-
4 vessem poder todos os vícios, estariam sob controle no domínio das coi-
5 sas e da natureza.

6 Quaisquer que sejam as condições: nascimento, herança genética
7 e outras misturas, persistem em nós, mesmo quando a alma tiver se cor-
8 rigido por muito e longo tempo; nada mais nos resta que prová-lo por ex-
9 periência.

10 Sêneca, quanto ao que afirma acima, postula:

11 *Artifices scaenici, qui imitantur affectus, qui metum et trepidationem ex-*
12 *primunt, qui tristitiam repraesentant, hoc indicio imitantur verecundiam. Dei-*
13 *ciunt enim vultum, verba summittunt, figunt in terram oculos et deprimunt:*
14 *ruborem sibi exprimere non possunt; nec prohibetur hic nec adducitur. Nihil*
15 *adversus haec sapientia promittit, nihil proficit: sui iuris sunt, iniussa veniunt,*
16 *iniussa discedunt.*

17 O teatro trágico é a prova viva dessas emoções, por meio dos signos ex-
18 primem o medo, a tristeza, o receio. Com efeito, os atores falam ou balbuciam
19 palavras entrecortadas, fixam os olhos no chão e se submergem; o rubor não
20 pode ser freado em onomatopeias, são fenômenos com seu status próprio, vêm
21 e vão espontaneamente. (SÊNECA, Carta XI, 7)

22 Um tal homem deve ser por nós amado e tido sempre diante dos
23 olhos, de modo que assim vivamos como se ele nos guiasse como guar-
24 dião e pajem. O modelo testemunha para que o erro seja evitado. E ne-
25 cessário que a alma tenha alguém a quem tenha respeito, sob cuja autori-
26 dade torne mais sagrado até mesmo o seu segredo. Feliz daquele que não
27 apenas com presença de espírito, mas até tendo meditado se corrige! Re-
28 verenciar a memória de um Catão austero cuja lembrança o acompanha.
29 Para tal propõe:

30 *Elige eum cuius tibi placuit et vita et oratio et ipse animum ante se ferens*
31 *vultus; illum tibi semper ostende vel custodem vel exemplum.*

32 Escolha a vida e a oratória daquele, portando diante de nós o seu espírito
33 e ostenta-o como guia e guardião. A obra de alguém para quem nossos pró-
34 prios costumes assemelham, privando-nos do mau. (SÊNECA, Carta XI, 10)

35 Sêneca reflete sobre a decadência material e cultural em sua épo-
36 ca. Foi um tempo de grave crise econômica e cultural:

37 Sua casa de campo aparentemente serve como metáfora para a de-
38 cadência que se instalara por toda parte. E quem a princípio reclamava
39 das despesas era obrigado a reconhecer que a ruína alastrava, não por

1 mera negligência, mas uma irremediável mazela que crescia. Já não se
2 fala de madeira carcomida, mas de pedra erodida que assinala o fim imi-
3 nente. A culpa sempre repousa em alguém ou sob alguma coisa e o mal
4 deixa seu gosto amargo na boca das vítimas. (Cf. SÊNECA, Carta XII, 1)

5 A carta XII reflete a decrepitude presente em uma casa de campo
6 abandonada e em ruínas. O estado da casa de campo, a decrepitude dos
7 imóveis e das pessoas que deveriam cuidar desse patrimônio revela o to-
8 tal desleixo do qual é testemunha o filósofo:

9 *"Apparet" inquam "has platanos neglegi: nullas habent frondes. Quam*
10 *nodosi sunt et retorridi rami, quam tristes et squalidi trunci! Hoc non accide-*
11 *ret si quis has circumfoderet, si irrigaret". Iurat per genium meum se omnia*
12 *facere, in nulla re cessare curam suam, sed illas vetulas esse. Quod intra nos*
13 *sit, ego illas posueram, ego illarum primum videram folium.*

14 O que ora se apresenta descuidado nodoso e retorcido indica os tristes si-
15 nais do desmazelo, levado a longa data por carecer dos cuidados, tantas vezes
16 negado. Sujos estão os troncos! Isto não aconteceria, se alguém os higienizas-
17 se, ao modo de irrigação e vigor. Como as plantas, deixadas no mato, este
18 rouba-lhes força e a folhagem. (SÊNECA, Carta XII, 2)

19 A maioria das pessoas de ordinário, “mortos ambulantes”, na
20 idade se estacam, paralisam diante da própria e anunciada decrepitude,
21 quiçá enlouquecidos:

22 *Debeo hoc suburbano meo, quod mihi senectus mea quocumque adverte-*
23 *ram apparuit. Complectamur illam et amemus; plena <est> voluptatis, si illa*
24 *scias uti. Gratissima sunt poma cum fugiunt; pueritiae maximus in exitu decor*
25 *est; deditos vino potio extrema delectat, illa quae mergit, quae ebrietati sum-*
26 *mam manum imponit.*

27 Uma casa para que se voltasse é lugar de doçura, se dela souberes tirar
28 proveito. Ela está cheia de saborosíssimos frutos quando estão maduros. Nela
29 está a maior graça que nos faz mergulhar na ebriedade da infância e na velhice
30 dá o toque final. (SÊNECA, Carta XII, 4)

31 O prazer, em si mesmo, reserva para o final o que tem de mais be-
32 lo. A idade avançada não padece dos arroubos fortuitos da juventude com
33 a falta de siso; nem se precipita por carência nos prazeres que não sente
34 faltar; grande alegria é ter exaurido os prazeres e os ter deixado para trás:

35 *"Molestum est" inquis "mortem ante oculos habere". Primum ista tam se-*
36 *ni ante oculos debet esse quam iuveni - non enim citamur ex censu -; deinde*
37 *nemo tam sene est ut improbe unum diem speret. Unus autem dies gradus vi-*
38 *tae est. Tota aetas partibus constat et orbis habet circumductos maiores mi-*
39 *noribus: est aliquis qui omnis complectatur et cingat - hic pertinet a natali ad*
40 *diem extremum.*

1 É duro ter a morte diante dos olhos, não tanto pelo jugo do Censor que
2 nos convoca para morrer. A existência está dividida horizontal e circularmen-
3 te; tanto quanto cresce a vida numa escala múltipla vertical e harmônica para
4 cima e para baixo. Tudo é cíclico e eterno, basta a cada dia o que lhe é pró-
5 prio, nem mais nem menos. A noite vai da Aurora ao Crepúsculo, o dia vai do
6 Nascer ao pôr do sol. (SÊNECA, Carta XII, 6)

7 Sêneca se reporta à filosofia da inconstância das coisas, de Herá-
8 clito:

9 *Dixit enim *** parem esse horis, nec mentitur; nam si dies est tempus vi-*
10 *ginti et quattuor horarum, necesse est omnes inter se dies pares esse, quia non*
11 *habet quod dies perdidit. Alius ait parem esse unum diem omnibus similitudi-*
12 *ne; nihil enim habet longissimi temporis spatium quod non et in uno die inve-*
13 *nias, lucem et noctem, et in alternas mundi vices plura facit ista, non <alia>:*
14 **** alias contractior, alias productior.*

15 Heráclito, disse: um dia é igual a todos os outros. Um fluxo permanente e
16 contínuo (átomos e moléculas) que permite que cada coisa seja (em um mo-
17 mento) e não seja (noutro seguinte), ao mesmo tempo sendo sem nunca ser o
18 mesmo, ainda que pareça na forma semelhante (a chama, a rio, o vento, etc.).
19 Nada efetivamente tem espaço e tempo muito longo ou muito curto, que não
20 encontres em um único dia: luz e trevas; assim é o mundo, em constante “vir a
21 ser” que incorpora os fenômenos: semelhantes e diferentes. (SÊNECA, Carta
22 XII, 7)

23 Assim, cada dia deve ser ordenado como se “abrigasse” um exér-
24 cito em marcha e o seu cumprimento fosse à efetivação da vida. Por isso,
25 se aconselha viver a vida como se fora um “rito funerário” de festa e can-
26 to, e onde há música há também dança (χορός), comida (ἄγαστη: amor di-
27 vino, afeição fraternal); e bebida; lembremos o Simpósio de Platão
28 (συνπόσιον; reunião de amigos φιλία; συμ + πίνω, literalmente, reunião
29 para beber; celebrar os bons costumes, o elogio ou discurso em belas pa-
30 lavras, etc.) onde se celebra cada dia em boa consciência, indo para o lei-
31 to dormir com a alegria de ter cumprido o caminho que o destino lhe as-
32 sinalou: “bebiotai, bebiotai” βεβίωται, βεβίωται (de βαίνω)? ir e vir,
33 marchar; realizar, no sentido de: firme, constante... vivi; “já viveu, já vi-
34 veu!” (isto é “está morto”). (Cf. SÊNECA, Carta XII, 9)

35 Digamos ser feliz e tranquilo, dono de si, aquele que espera sem
36 inquietude o dia de amanhã. Aquele que diz: “eu vivi”. Não temer, já
37 porta consigo alguma beleza. “Viver na necessidade é um mal: mas não
38 temos nenhuma necessidade de viver na necessidade”. Por que de todas
39 as partes abrem-se numerosos caminhos à liberdade, curtos, fáceis. De-
40 mos graças porque é-nos permitido esmagar as próprias necessidades.

1 Como disse Epicuro: “O que deves fazer com o que te é estra-
2 nho”? Para fechar a exposição das cartas, Sêneca se reporta a Epicuro:

3 *Quod verum est meum est; perseverabo Epicurum tibi ingerere, ut isti qui*
4 *in verba iurant nec quid dicatur aestimant, sed a quo, sciant quae optima sunt*
5 *esse communia.*

6 O que é meu verdadeiro ninguém pode tirar. Epicuro aconselhava nunca
7 jurar sobre palavras, mas prezar o que está sendo dito, quem o diz... Saibam
8 que o melhor (de todas as coisas e pessoas) pertencem a todos. Adeus. (SÊ-
9 NECA, Carta XII, 11)

11 3. Conclusão

12 Vemos nas *Epístolas de Sêneca* um reiterado esforço ao persuadir
13 seu discípulo Lucílio e eventuais leitores destas cartas, a dedicar-se à fi-
14 losofia, pois esta, mais que as outras artes, nos aponta a via harmoniosa
15 da prudência, do juízo, que desafortunadamente tarda chegar à maioria
16 dos jovens e homens de poder.

17 Platão, no Simpósio (συμπόσιον) nos assinala um “Amor” no seu
18 aspecto mais extraordinário, como se fosse uma “Musa inspiradora”, uma
19 “ninfa divina”, e o seu objeto imediato seria a ciência, e estaria dupla-
20 mente articulado não a um corpo enamorado de estulta e excessiva pai-
21 xão; mas completamente calmo a contemplar aquela preciosa beleza vir-
22 tuosa da alma, plena de graça, elegante e gentil, que cria o gosto racional
23 tornando melhor os jovens, uma vez que estes induzidos a contemplar o
24 belo que está nas instituições e nas leis, constatando que o corpóreo é a
25 coisa ou a parte pequena, passando a seguir ao nível mais vasto de con-
26 templação que é a ciência (ἐπιστήμη: a arte, a consciência, o estudo, a
27 aplicação ao saber), não mais escravo do amor instintivo e mísero; ao
28 contrário, revoltado ao largo mar de infinito e eterno do amor ao saber, que
29 não nasce nem morre, não cresce nem cessa. Ascende passo a passo co-
30 nhecendo aquela suprema beleza que é em si. Uma vez vista, não será
31 comparável a ouro, nem vestimenta, nem rapaz ou moça jovem. De pron-
32 to, ao mirar o belo, tu e muitos outros experimentarão forte turbamento
33 psíquico, violenta e improvisa sensação, para gozar ininterruptamente da
34 visão, da convivência, a durar se fosse possível, sem comer, sem beber,
35 só a admirar e estar juntos. Devemos acreditar que ocorra, se um viesse a
36 ver o próprio belo, puro, sincero, franco, imune, não contaminado pela
37 vaidade da carne, nem das cores mortais humanas, se um chegasse a vis-
38 lumbrar, a distinguir a beleza em si divina e uniforme. Isso não seria des-
39 prezável, se a contemplasse não com os olhos, mas com o intelecto vi-

1 vindo em comunhão com ela (a beleza). Contemplando essa beleza com
2 os meios pelos quais ela se torna visível, não poderá acontecer de gerar
3 uma aparente virtude. Visto que não se atinge a aparência, mas a virtude
4 verdadeira. Esse amor nascido é nutrido pela virtude verdadeira, será
5 possível tornar-se predileto aos deuses? E também ele (o amor), se nunca
6 outro homem, imortal? Por esta conquista não se poderia facilmente en-
7 contrar na natureza humana mais válida ajuda entre todos o Amor?
8 (PLATÃO, “Simpósio”, XXVIII, XXIX, 210-212. Frag. Estrangeira de
9 Mantinea, Diotima)

10 Se por um lado, a amizade e a ausência de rancor mostra nossa
11 humanidade; por outro, alimentamos a esperança de conduzir nossa vida
12 do modo que seja também agradável a Deus e aqueles que nos são caros.
13 Pondo acima de tudo uma vida austera, e na medida do possível, honrar a
14 ciência como força provedora de liberdade, cuja potência exalta o Amor
15 como fonte duradoura do convívio.

16

17

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

18 ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Trad.: Mário da Gama Curi.
19 Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

20 _____. *Retórica*. Introdução, tradução e notas de Quintín Racionero.
21 Madrid: Gredos, 1999.

22 BAILLY, Anatole. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 2000.

23 BROWN, Gillian; YULE, George. *Discourse analysis*. Cambridge:
24 Cambridge University Press, 1996.

25 CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours*. Éléments de
26 Sémiolinguística (Théorie et pratique). Paris: Hachette, 1983.

27 CIZEK, Eugen. *L'époque de Néron et ses controverses idéologiques*.
28 Leiden: E. J. Brill, 1972.

29 DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do discurso*.
30 Conceitos básicos em linguística. Petrópolis: Vozes, 2011.

31 DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

32 EPICURO. *Epicurea*. Edizione di Hermann Usener. Milano:
33 Bompiani, 2007.

- 1 GARZANTI. *I grandi dizionari Italiani*. Milano: Garzanti Linguistica,
2 2005.
- 3 GRIFFIN, Miriam T. *Seneca, a philosopher in politics*. Oxford:
4 Clarendon Press, 1976.
- 5 GRIMAL, Pierre. *Sénèque ou la conscience de l'Empire*. Paris: Les
6 Belles-Lettres, 1979.
- 7 INWOOD, Brad. (Org.). *Os estoicos*. Trad.: Paulo Fernando Tadeu
8 Ferreira. São Paulo: Odysseus, 2006.
- 9 KENNEDY, George A. *A new history of classical rhetoric*. Princeton:
10 Princeton University Press, 1994.
- 11 KENNEY, Edwin J.; CAUSEN, Wendell Vernon. *Historia de la literatu-*
12 *ra clásica*, tomo II. Literatura latina. Madrid: Gredos, 1989.
- 13 LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO,
14 Wander. (Org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova
15 Fronteira, 2008, 2 vols.
- 16 LAUSBERG, Henri. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação
17 Calouste Gulbenkian, [s/d.].
- 18 _____. *Manual de retórica literaria*. Fundamentos de una ciencia de la
19 literatura. Madrid: Gredos, 1991, 3 vols.
- 20 MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (Org.). *Retóricas de ontem e de ho-*
21 *je*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- 22 PERELMANN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da ar-*
23 *gumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- 24 PLATÃO. *Simpósio*. Bari (Itália): Laterza, 1996.
- 25 POHLENZ, Max. *La Stoa*. Storia di un movimento spirituale. Trad.:
26 Ottone de Gregorio. Milão: Bompiani, 2005.
- 27 QUINTILIANO. *De l'Institution oratoire*. Paris: Les Belles-Lettres,
28 1977.
- 29 _____. *De l'Institution oratoire*. Trad.: Nisard. Paris: Chez Firmin
30 Didot, 1881.
- 31 REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola,
32 1994, vol. III.

- 1 SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste
2 Gulbenkian, 2014.
- 3 SENECA, Lucio Anneo. *Lettere a Lucilio*. Edizione Acrobat a cura di
4 Patrizio Sanasi. Disponível em:
5 <<http://www.ousia.it/SitoOusia/SitoOusia/TestiDiFilosofia/TestiPDF/Seneca/LETTERE.PDF>>.
6
- 7 SÊNECA. Epístolas I a XII. Disponível em:
8 <www.thelatinlibrary.com/sen/seneca.ep2.shtml>.
- 9 SÊNECA. *Lettres à Lucilius*. Tome I (Livres I-IV). Texte établi par
10 François Préchac et traduit par Henri Noblot. Paris: Les Belles-Lettres,
11 1945.
- 12 SÊNECA, Lucio Annaei. *Senecae Epistularum Moralium ad Lucilium*
13 *Liber Primus*. Roma-Milano: Società Editrice Dante Alighieri, 1905.
- 14 SETAIOLI, Aldo. *Seneca e lo stile*. In: HAASE, Wolfgang. *Principat:*
15 *Sprache und Literatur. Literatur der Julisch-Claudischen und der*
16 *Flavischen Zeit Fortsetzung*. Berlin : Walter de Gruyter, 1985.
- 17 TRAINA, Alfonso. *Lo stile drammatico del filosofo Seneca*. Bolonha:
18 Pàtron, 1984.